

## **AQUELE QUE DIZ SIM, AQUELE QUE DIZ NÃO: RELIGIOSIDADE E HERESIA**

*Marília Pacheco FIORILLO\**

**RESUMO:** Imaginação e religião entronizada são antitéticas. O dogma, cerne das grandes religiões monoteístas, nada mais é que uma diligente e metódica rejeição à curiosidade, autonomia e inventividade. É nesta relação assimétrica entre aquele que ignora, teme e suplica, e o Outro que tudo sabe e tudo dispensa que reside o poder das Igrejas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginação. Dogma. Assimetria. Medo. Igreja.

Se tomarmos imaginação em sua acepção primeira, ela é quase o mesmo que poesia: aquele modo de pensar e exprimir dúbio, sinuoso e plástico, linguagem elíptica e larga, na qual hesitações, contrastes e incoerências, o *chiaroscuro* dos obrigatórios oxímoros, enfim, são virtudes cardeais<sup>1</sup>. A imaginação não teme o exagero nem o ambíguo, vagueia no fluxo contínuo e contraditório de ideias e humores, e é seu empenho fazer emergir o inesperado: numa palavra, cabe à imaginação dar vida ao sujeito. O sujeito ímpar, imprevisível e assertivo em sua incorrigível unicidade. Se a imaginação corteja o universal, é porque se nutre do absolutamente individual. Ela é inseparável do singular, do irrepetível, do novo, **da criatura se afirmando e se recriando**, condensando seu potencial e cintilando, inconfundível. Desta perspectiva, qualquer exercício de imaginação, por tímido que seja, será sempre um insulto às religiões.

---

\* USP – Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. São Paulo – SP – Brasil. 05508-020 – [mfiorillo@usp.br](mailto:mfiorillo@usp.br)

<sup>1</sup> Veja-se o argumento de Suzanne Langer (1957), discípula de E. Cassirer, ao discorrer sobre os contrastes entre o minimalismo do conceito e a amplitude da palavra poética.

Assim entrevistas, imaginação e religião são praticamente antitéticas. Religiões podem ser fortemente emocionais, em seu apelo e ritos, mas a ênfase na emoção (pessoal ou coletiva, catártica ou silenciosamente íntima), é serva do cânone, para que até mesmo o êxtase mais arrebatado corresponda aos padrões ditados pela convenção e devoção. A visão do paraíso será sempre estritamente na moldura do dogma, e a emoção catalisada nos rituais religiosos não pode fugir ao léxico das Igrejas: longe dela a intervenção anárquica da imaginação. Neste pequeno ensaio, ilustrado por um ou outro exemplo histórico, defenderemos que a imaginação coabita muito mal, conflagrada mesmo, com as religiões institucionalizadas, pois é outra a natureza do sentimento que a religiosidade institucionalizada demanda. De fato, quase o oposto: a emoção mais frequentemente convocada nas religiões, perene e diligentemente insuflada nos corações e preces, aquela vertiginosa emoção que as religiões despertam, depuram e alimentam é o medo. Na mais branda prudência, cautela extrema ou no terror, puro e simples, a mesma sensação de abismo. O medo é o guia, seja para justificar, naturalizando, vicissitudes e males do mundo, seja para acomodá-los a uma qualquer teodicéia<sup>2</sup>, seja para confortar, negociando a punição. **É no medo que repousa o inabalável poder das religiões.**

E na petulante, desregrada e prolixa imaginação está sua antítese, uma letal abominação para a *forma mentis* religiosa; pecado sem remissão, sintoma inequívoco de **heresia**.

Não que as religiões deixem de recorrer ao fantasioso, claro. A fantasia mais comumente evocada nas religiões é a que recorre ao *tremendum*, corolário aterrador da noção, cunhada por Rudolf Otto (1992), de *numinoso*, a de que o inefável do fenômeno divino é o que provoca assombro, temor, tremor, o “sentimento de estado de criatura” mencionado por Rudolf Otto, sensação de se abismar no próprio nada diante da terrível transcendência, da inacessibilidade absoluta da divindade; não resta à criatura senão anular-se, pulverizando-se perante o que está acima (do pó ao pó). Daí a verdadeira vocação da emoção religiosa: a de ser, não a promessa do maravilhamento, (aquela promessa de felicidade contida na expressão e fruição artística), mas **a ameaça do aniquilamento**, precedida do aviso recriminador, do alerta contínuo e da sub-reptícia vigilância, o trombetear cotidiano sobre o final dos tempos. A escatologia é matéria por excelência da emoção religiosa, e cumpre à perfeição seu papel: aterrorizar e, aterrorizando, assegurar-se da disciplina dos fiéis.

---

<sup>2</sup> Há varias explicações sobre a indisputável bondade divina, de Anselmo a Descartes a Leibniz, à aposta de Pascal de que é melhor crer que não crer, à idéia de Kant de que a Razão Prática exige um Ser Supremo como fundamento da moralidade e do élan por virtude, felicidade e justiça.

## Seita ou religião?

O poder da religião não está em suas manifestações extremas, nos fundamentalismos (que tanto tem engajado, ultimamente), sequer em seu considerável braço temporal. Está além da mera aparência, da mera influência. Muito além dos decantados nepotismo e corrupção dos papas da Renascença, aquele ecumenicamente conferido privilégio para cometer excessos e vilanias, que fez do pontífice Alexandre VI, pai de Cesare e Lucrezia Borgia, o político mais astuto e letal de seu tempo. Também está além, muito além, dos arranjos políticos e guinadas na história que ela promove, dos feitos de um Salâh Al Din Yusef ibn Ayyub, ou Saladino o Grande, líder muçulmano curdo (curiosamente, o maior herói do Islã não era árabe) cuja diplomacia, mesclada à arte da guerra, minou a empreitada das Cruzadas (as Cruzadas, aliás, são outro cristalino exemplo da aliança pleonástica poder & religião). O poder da religião não repousa nas jihads ou outras sangrentas guerras santas que ela costumeiramente patrocina, nem é visível nos monumentos que ergue para se eternizar, pirâmides, catedrais, Michelangelos, Berninis, nem mesmo na riqueza patrimonial que as Igrejas ameamham ou dissipam. Também não está, exatamente, na capacidade que elas têm demonstrado para transtornar o destino de povos inteiros, confortar e ludibriar muitos (com promessas de dádivas em outro mundo, traficando indulgências neste) ou mesmo arruinar uns poucos (hereges ao fogo).

O poder da religião vem de algo bem mais singelo e prosaico, intrínseco a ela, latente até em tempos de paz e prosperidade, quando os lírios do campo apenas florescem e as Igrejas tornam-se um tanto ociosas. Provém de sua entranha: de suas verdades inabaláveis, da imunidade atávica de seus dogmas.

Todo o resto é mera consequência: ouro, incenso e mirra, glória, magnificência, fortaleza, longevidade e também a incomparável habilidade de converter gente simples em fanáticos (ou, como disse o prêmio Nobel de física Steven Weinberg, de fazer com que gente boa pratique más ações). Estes são sintomas do poder das religiões, não seu fundamento. A *arkhé*, a causa primeira do poderio religioso é a altiva segurança de si que tem as Igrejas, suas doutrinas e embaixadores terrenos. Uma segurança que não admite réplica e que é o fulcro mesmo de toda religião. Pois em religiões que se prezam não cabem dúvidas e hesitações ( e divagações, digressões, oxímoros), não cabe o vício da imaginação. Blindada do efeito mortífero que mentes curiosas provocariam, amparadas pela infalibilidade do dogma, o resto é fácil. O resto, isto é, a extraordinária potência política, financeira ou bélica das Igrejas, sua autoridade moral e, finalmente, a infinita resiliência que têm demonstrado. Pois as religiões parecem ter sobrevivido intactas ao breve interregno dos renascentistas, primeiro, (que queriam reconduzir o

homem ao centro do mundo), dos iluministas no século XVII, depois, (que queriam fazer da Razão um antídoto à superstição), assim como passaram impávidas e indiferentes, na virada para o XX, à cólera aristocrática de Nietzsche e sua repulsa à mentalidade de rebanho e tiraram de letra a passageira concorrência das religiões laicas de esquerda e direita, e seus profetas milenaristas Stalin e Hitler. Enfim, a perenidade e a incolumidade das religiões devem-se ao singelo motivo de que **elas nunca precisam prestar contas**. Nem à navalha de Ockham da lógica, nem à história, muito menos às suas fileiras.

Pois um dos axiomas das religiões é nunca ter que se explicar. “Creio porque absurdo”, já dizia, no século II, um dos primeiros teólogos cristãos, o genial e vociferante Tertuliano de Cartago<sup>3</sup>. Ao contrário da ciência, cujo motor é a dúvida – perguntas, discórdia, desconfiças e rupturas de paradigmas foram o oxigênio de Galileu, Newton, Einstein, Heisenberg – a religião nasce, cresce, amadurece e se reproduz no dogma.<sup>4</sup> E dogmas são incontestáveis não por serem tabus, leis que nos precedem e nos galvanizam como grupo, mas exatamente na medida em que significam, literalmente, mistérios.

Mistérios não estão por aí para ser deslindados, como o genoma humano, ou o bóson de Higgs. Qualquer tentativa de explicar, situar ou dar coerência ao dogma seria uma ingerência indevida, do ponto de vista religioso, além de tarefa vã, tola e inútil. Pretender destrinchar o sentido de um dogma, ou mistério religioso, denuncia o total despreparo espiritual do intrometido. Um mistério só é mistério porque absolutamente impenetrável, adverso a qualquer lógica, e, sobretudo, terreno minado para questionamentos ou contestações. De que maneira se poderia discordar do inefável, já que a inefabilidade é intraduzível? Para que argumentos a sustentar a fé, se a fé, quando legítima, prescinde de frivolidades como arrazoados? Estamos precisamente na terra do assim é, porque é assim, palácio dos truísmos em que os intelectualmente inquietos não devem pisar. Aliás, quanto mais implausível, bizarro ou abstruso for o dogma, melhor. Mistérios seduzem porque operam como os milagres: tanto mais poderosos quanto mais impossíveis e, acima de tudo, insondáveis. Uma curiosa recorrência no capítulo dos milagres é sua achapante inutilidade: porque, em geral, eles nunca acontecem onde mais se precisa deles, como em Auschwitz ou na Aleppo de 2012, mas em Fátima, e seus beneficiários parecerem escolhidos randomicamente, (e não pelo critério da necessidade ou

---

<sup>3</sup> As citações de Tertuliano apresentadas no decorrer deste artigo são baseadas em passagens do manuscrito *De Praescriptione Haereticorum*, extraídas da tradução inglesa (do latim) da autora Elaine Pagels (1989). A autora se baseou nos textos da coleção *Ante-Nicene Fathers* e da coleção de cópias manuscritas de Tertuliano presentes no monastério de São Pacômio, no Egito, a *St. Pachomius Library*. As traduções para a língua portuguesa são de minha autoria.

<sup>4</sup> Veja-se a análise das religiões como subproduto de uma inclinação, ou impulso cognitivo humano para apegar-se ao sobrenatural, em Boyer (2001).

bondade), além de seus benefícios soarem um tanto avoados; afinal, não haveria nada mais premente que fazer uma estátua verter sangue? Bertrand Russell (1965) faz uma reclamação desta natureza numa passagem em que pergunta por que, nos evangelhos, há tão pouca caridade e amor por bichos e plantas: os pobres porcos, possuídos por um capricho de exibicionismo, são atirados ao abismo, e uma cândida árvore, num arroubo de pirotecnica milagreira, é condenada a secar.

Uma recente e respeitável tentativa de dotar de racionalidade e legitimidade certas religiões e Igrejas, aquelas entronizadas pelo crivo da longevidade, é a teoria de Rodney Stark.<sup>5</sup>, sedimentada uma noção difusa de suposta diferença entre seita e religião, que desqualifica a primeira e autoriza a última. O corolário desta diferenciação e hierarquização é uma visão também diferenciada entre compensadores religiosos e recompensas religiosas, que tende a desvalorizar novas denominações no mercado religioso. Em *A Theory of Religion*, Stark (1996) calca sua tipologia da espiritualidade partindo do pressuposto de que a religião, como qualquer outra esfera da existência humana, mais do que ser movida por impulsos irracionais e mistérios indecifráveis, obedece a um mesmo princípio de racionalidade, segundo o qual ninguém faz nada por acaso ou de graça, isto é, sem buscar algum tipo de **recompensa**. Os seres humanos buscariam o que percebem ser recompensas e evitariam o que percebem ser custos. Recompensas são custosas para se obter, e custos são tudo o que os seres humanos tentam evitar, embora, muitas vezes sejam um pedágio obrigatório para as primeiras.

No mercado religioso, como em outros, recompensas só valeriam se percebidas como tendo um valor que supera os custos. Em todo caso, o que está em jogo é um coeficiente positivo entre custos e recompensa. As recompensas podem ser classificadas conforme o tipo, o valor e a generalidade. Em meio aos objetos de desejo, tende-se a hierarquizá-los, mas as percepções subjetivas podem oscilar consideravelmente. Como estipular um critério de validade minimamente universal? Melhor: como a mente humana responde a esse sistema de trocas, de oferta e procura entre as mais variadas recompensas? Salvação eterna e eternidade paradisiaca ou salvação eterna mais sucesso aqui e agora? O nó a deslindar é saber traçar a fronteira entre Recompensas e Compensadores. Grosso modo, compensadores seriam postulações de recompensas muito gerais e muito valiosas, mas que não podem ser mensuradas precisamente e tampouco ter sua disponibilidade determinada. A salvação da alma, a vida eterna e o paraíso, valores intangíveis, enfim, estão sob este guarda-chuva. Como suas respectivas explicações são, assim como as próprias

---

<sup>5</sup> Rodney Stark é sociólogo norte-americano, co-autor, junto com William S. Bainbridge, de *A Theory of Religion* ("Uma Teoria da Religião"). Escreveu também *The Future of Religion: Secularization, Revival and Cult Formation* (1985), *The Churching of America: 1776-1992* (1992) *Religion, Deviance and Social Control* (1996) e *Acts of Faith: Explaining the Human Side of Religion* (2000).

recompensas em si mesmas, de impraticável ponderação e enigmática garantia de obtenção, elas transmutam-se em compensadores que postulam (postergam) as recompensas num futuro distante ou em algum outro contexto impenetrável, inverificável. Assim, compensadores são prêmios não suscetíveis a uma mensuração objetiva. Stark distingue os compensadores da magia dos da religião, argumentando que a primeira lida com compensadores menos gerais do que a segunda; enquanto a magia não está interessada no sentido último da vida e da morte, mas em resolver problemas e em manipular a natureza para obter fins muito específicos (curar uma doença, fazer chover, pedir proteção dos espíritos para a tribo ou aldeia, etc.), a religião incluiria no escopo dos seus compensadores toda uma explicação totalizante sobre questões de significado. Outro truísmo, a nosso ver: quanto mais genéricas e longínquas (e, portanto, genuínas) as recompensas – vida eterna, ressurreição-, mais difíceis de caírem em descrédito, na medida em que não são suscetíveis à verificação empírica. A mesma lógica um tanto surrealista do dogma, do mistério e do milagre: quanto mais improvável, mais dignificado.

## Inabalável poder

Outra possível objeção contra a hipótese de que religiões são a antítese da imaginação é o refrão de que o supremo valor da religião é o de elevar-nos às alturas, direto aos céus de pura beleza e transcendência: as epifanias emanadas da Paixão segundo São Mateus de Bach, do Réquiem de Mozart, da Divina Comédia, dos azuis vaporosos e macios de Giotto ou do azul cobalto, desbotado, da capelinha caipira esquecida numa estrada de terra. Mas este encantamento é tão somente o poder da arte, que está no mundo há tanto tempo quanto a religião, mas teve desde sempre outro endereço, o de agraciar nossa imaginação aqui e agora. A arte, fruto da graça, nos é dada de graça, também. É celebração desinteressada. Nada mais distante da imaginação artística, do ímpeto gracioso, da originalidade generosa, que o rígido e calculado sistema de punição e recompensa, pecado e perdão, condenação e salvação, desta contabilidade impiedosa que está na base de todas as religiões.

A verdadeira vocação do poder religioso não é despertar o sublime, mas suscitar o inominável. Esta é a definição do “numinoso” (OTTO, 1992), conceito-chave nos estudos da religião: mais um “oh!” aterrorizado que um “ah”! deliciado. Prova disso é que as verdades religiosas (cada credo com as respectivas), geralmente solenes e sisudas, não admitem ser contrariadas. No território dos mistérios inefáveis, ouve-se pouco a música dos anjos (como em Bach) e muito, muito mais, o clamor militar de ordem e disciplina. Religiões não se deixam abalar por seus descontentes – livram-se deles, e pronto. Vacilações na fé só são admitidas como

testes de resistência da fidelidade do fiel, acochado pela tentação (maligna) da dúvida.

Veleidades de mudança e novidade – como a Reforma **protestante**, o nome diz – que seriam o sal da terra da imaginação, viram sedições no território da religião. Empenhos de modernização, ou adequação aos novos tempos, acabam naquela história de um passo à frente, dois atrás [compare-se o neofundamentalismo de Bento XVI com o ecumenismo de João XXIII, *Il Papa buono, O Papa bom*, como era chamado (ARENDETT, 1970)<sup>6</sup>. E diálogos inter-religiosos, na prática, têm demonstrado ser quimeras, desconjuntados como o monstro mítico. O projeto de coexistência pacífica das religiões é, parafraseando Clausewitz, apenas a continuação fugaz da guerra entre as crenças, por outros meios.

Por quê? Simples, franciscanamente singelo: pela óbvia razão de que aderir a uma religião exige, liminarmente, excluir todas as outras<sup>7</sup>. Isso pode acontecer na marra, na violência, ou, se os deuses e seus respectivos representantes estiverem de bom humor, através de certo desprezo mascarado de condescendência. Os graus de intolerância variam, mas o dom da inclusão nunca foi o forte das Igrejas. O exclusivismo sempre foi a virtude nuclear das religiões, ao menos das monoteístas que, paradoxalmente (ou bíblicamente) sendo primas consanguíneas, são as que mais se detestam reciprocamente.

Outro assunto é descobrir qual a motivação (psicológica, ética, cultural ou inercial) que torna as pessoas tão apegadas às suas crenças e tão irritadas quando algum desavisado ousa contrabandear um “mas será mesmo?” no interior exíguo e asséptico de suas certezas. Há quem diga que o pendor humano por religiões, tão antigo, é uma decorrência mais da biologia que de um hipotético domínio de entes e fenômenos sobrenaturais (BOYER, 2001). A propensão a crer seria um efeito indesejado, quase um dano colateral, de um outro hábito, este sim fruto de uma necessidade vital à sobrevivência da espécie: o hábito de obedecer, inculcado na infância. Para que a criança saia ileso da multidão de perigos que a cercam, tem de aprender desde cedo a aceitar sem protestar (ou protestando, mas cedendo) certas verdades elementares que lhe são transmitidas pelos pais. Por exemplo, que ela não pode se dependurar do terraço do 7º andar senão cai e se machuca feio, ou não deve colocar o dedo na tomada, ou precisa acreditar que a Terra é redonda porque está nos livros. Não fosse assim, a cada geração reinventaríamos a roda. Imaginem se cada um de nós, aos 3, 13 ou 30 anos, tivesse de testar pessoalmente, em vez

<sup>6</sup> Vale rever seu esplendido ensaio sobre “Il papa buono” em “Men in dark times”.

<sup>7</sup> Quem com mais brilho, concisão e imaginação chega a esta definição é o dramaturgo norte americano Arthur Miller (1996), autor, entre outras peças, de “The Crucible”, na qual retoma o episódio histórico do julgamento e assassinato das supostas feiticeiras de Salem, magnífico estudo da neurose religiosa e suas nefandas implicações políticas.

de simplesmente acatar, o cabedal mais ou menos consensual do conhecimento disponível. Cada um teria que circunavegar o planeta com seu próprio bote para só então aceitar que a Terra não é plana; ou jogar sua própria maçã, matutar um tempão e, chegar à lei da gravidade. Seria inviável, além de constituir certo desperdício. É por isso que obedecer cegamente e acreditar piamente, na infância, pode ser vantajoso e sensato. Mas se este hábito se prolonga pela idade adulta, vira vício insidioso: o da credulidade sistemática. Assim, o que havia sido proveitoso aos 3 ou 13 anos, depois dos 30 torna-se pernicioso: um resíduo parasitário. Deste ponto de vista, a crença – porta de entrada das religiões- nada mais é senão a preguiçosa e confortável repetição de algo que já perdeu sua razão de ser, um talento primordial (processar precocemente as informações transmitidas) que virou automatismo cego, uma mania obsessiva, girando no vácuo (BOYER, 2001)<sup>8</sup>.

## Feitiço contra feiteceiro

Ninguém ilustrou com tanto esmero e acuidade esta peculiar natureza do poder religioso \_amor à obediência, horror á dúvida; adoração do dogma, desprezo pela imaginação- como Tertuliano de Cartago, o efervescente, feroz, e (malgrado ele mesmo) delirantemente imaginativo teólogo do Norte da África. Vale lembrar que, no século II, Alexandria, Antioquia e Cartago eram tão ou mais importantes que Roma, para o cristianismo nascente.

Nascido *Quintus Septimius Florens Tertullianus*, em 150, na Tunísia, numa família de prestígio na sociedade romana, Tertuliano converteu-se tarde, por volta dos 40 anos, mas compensou os anos perdidos com sua combatividade. Foi o mais temido crítico dos dissidentes cristãos de então. Seu alvo não eram os pagãos, mas os colegas divergentes. Compôs por volta do ano 200 o mais famoso manual de detecção e combate aos heréticos, o clássico *De Praescriptione haereticorum* – Prescrições contra os heréticos – que inaugurou uma nova arte de argumentar, sem rodeios. Sua verve e seu método fizeram escola, atravessando o tempo, as rixas dos inúmeros Concílios, o cisma entre Roma e Bizâncio e resistindo inclusive à sua própria excomunhão, pois Tertuliano foi punido no fim da vida por ser mais realista que o rei. Sua obra tem um aroma inconfundível, mescla de ironias, truísmos, dogmatismos, e veemência invejável. Deixou inúmeros imitadores. Seu estilo pode ser entrevisto no posterior debate entre católicos romanos e bizantinos no século XIII, tentativa imperfeita de copiar o mestre: os cristãos do ocidente tachavam

---

<sup>8</sup> Boyer (2001) não é o único a conectar religião e obsessão; a psicanálise, desde S Freud, tradicionalmente associa a neurose obsessiva ao comportamento ritualístico religioso.



os orientais de “fezes das fezes, indignos da luz do sol”, enquanto os orientais chamavam seus irmãos do ocidente de “filhos das trevas”, alusão ao fato de o sol nunca se por a oeste.

Campeão das tautologias, uma de suas tiradas mais famosas é a de que tudo aquilo que estiver em conformidade com a Igreja é verdadeiro porque não poderia ser de outro modo; conseqüentemente, tudo que não vem da Igreja só pode ser falsificação. Tertuliano cimentava seu amor às certezas absolutas através de contrassensos. O melhor deles é sua frase mais famosa, a “Creio, porque absurdo”, argumento tão misteriosamente dogmático que se torna irrespondível. Diante dele, nem dá para começar o debate.

Os filósofos são um dos alvos prediletos da cólera de Tertuliano. Seu anti-intelectualismo é daqueles nascidos de um passado de vida intelectualizada; portanto, como costuma acontecer com acertos de contas autoinfligidos, é especialmente virulento. Seu elogio do obscurantismo vem das vísceras: “O que Atenas tem a ver com Jerusalém, a Academia [platônica] com a Igreja, os heréticos com os cristãos? Nosso ensinamento provém do Pórtico de Salomão, que ensinou pessoalmente que os homens devem buscar Deus na simplicidade de seus corações.” Filósofos e cristãos de outros grupos o repugnam porque caem na tentação da curiosidade e imaginação. A presunção de conhecer, para Tertuliano, era mais que leviandade, era um insulto de lesa-majestade à verdadeira fé, que, para ser saudável, deveria se alimentar literalmente da pobreza de espírito.

“Fora com todas as tentativas de se produzir um cristianismo misto de composição estoica, platônica ou dialética. Não queremos nenhuma disputa curiosa depois de possuímos Jesus Cristo, nenhum tipo de indagação após desfrutarmos do evangelho. Com a nossa fé, não desejamos outra crença.”, escreveu. O combate travado por Tertuliano, porém, não é só contra os heréticos; é contra toda e qualquer iniciativa de colocar o cérebro (adversário da alma) para funcionar. Tertuliano queria extrair da mente o que ascetas como Santo Antão extraíam do corpo, isto é, mortificá-la e deixá-la à míngua. Um bom cristão deveria se abster de qualquer de exercício mental. Pensar é poluir a alma.

No afã de afastar o perigo do pensamento, nem os evangelhos são poupados. Até trechos canônicos ficam sob suspeição, pois, se matutados com muita frequência, podem desencaminhar o devoto. Ao tradicional “Busca, e acharás”, ele contrapõe um “Fora com aquele que busca onde jamais encontrará”! A vigilância não deve ceder nem diante de passagens da Bíblia, pois se estas forem passíveis de ambiguidades, isto é, de interpretação, com certeza envenenarão o espírito. Como quase tudo que se lê pode ser interpretado, até mesmo as mais inofensivas passagens são banidas. ‘Bate à porta e encontrará’? Nada disso, diz Tertuliano: “Fora com aquele que está

sempre batendo, pois jamais lhe será aberto, já que ele bate onde não há ninguém para abrir.” “Peça, e será atendido”? Nem pensar: “Fora com aquele que está sempre pedindo, pois jamais será ouvido, já que pede a quem não ouve.”

Pedir, perguntar ou esperar são uma quebra de decoro. Perguntar é o mais nefasto, pois sugere que há alguma dúvida no ar, algo a esclarecer, e dúvidas são a rota inequívoca para a perdição. Para que perguntar, se basta aceitar? “Indícios de uma disciplina mais rigorosa entre nós são uma comprovação adicional da verdade.” A dúvida pavimenta o caminho do inferno; a disciplina, a estrada do Paraíso.

Se perguntar é indecoroso, inventar é uma abominação. A grande diversidade interna dos grupos cristãos de sua época é ridicularizada por Tertuliano, que descreve seus opositores como arquitetos de cosmologias malucas ( dada a liberdade com que cada grupo interpretava a mensagem cristã), nas quais os céus se sucederiam “[...] como aposento empilhado sobre aposento, cada um designando a um deus por tantas escadarias quantas são as heresias: eis o universo transformado em quartos de aluguel!” A imagem do universo como uma pilha de quartos de aluguel, além de sensacional (Tertuliano detestava a imaginação de seus adversários, mas não podia evitar a própria), é bastante pertinente. Os aposentos estão empilhados; isto indica que devem ser do mesmo tamanho ou de tamanho aproximado, e que oferecem igual comodidade; não há suíte imperial ou cobertura VIP, nenhum privilégio. Mais: nenhum dos moradores é proprietário, pois os quartos são alugados, e, se o hóspede estiver insatisfeito, basta se mudar. Este é um edifício anárquico, não aquilo que ele, Tertuliano, quer para a Casa do Senhor.

“Cada um deles, – diz de seus adversários cristãos- como lhe aprouver o temperamento, muda as tradições que recebeu, assim como aquele que as transmitiu também as mudara ao moldá-las de acordo com o próprio arbítrio.” A mania de polemizar o atordoa. E o assusta esta contínua reinvenção da tradição, que deveria ser intocável. Tertuliano enumera os principais defeitos dos cristãos que não são de seu grupo: a plasticidade de ideias, o desprezo pela hierarquia; a clara preferência por cargos rotativos; a ausência de distinção entre clero e leigo; o tratamento igualitário dispensado a mulheres e homens, ou a veteranos e neófitos. Estas características, diz, só podem levar à ruína:

Suas ordenações são negligentemente dispensadas, cheias de caprichos e mutáveis; num momento são os noviços que exercem as funções, noutro, são pessoas com empregos seculares [...] em lugar algum a promoção é mais fácil que entre os rebeldes [...] de modo que, hoje, um homem é bispo, e amanhã serão outros; aquele que hoje é diácono amanhã lerá as escrituras; quem for

padre hoje será leigo amanhã, pois até sobre os leigos eles impõem as funções do sacerdócio.

E continua, em defesa da verdade única: “Não fica claro quem é catecúmeno e quem já se inclui entre os fiéis; todos são igualmente admitidos, todos ouvem igualmente, todos oram igualmente....compartilham o beijo da paz com todos que vierem, pois não se importam como cada um concebe os tópicos da fé, já que estão reunidos para investirem contra a cidadela daquela que é a única verdade [...]”

Na horda de seus oponentes cristãos, noviços oficiam como padres, padres agem como se fossem noviços; qualquer um pode ser bispo, nem que seja por um dia; todos participam do serviço e podem se encarregar do sermão do dia; padres e leigos se equivalem, e em nenhum lugar é tão fácil ser promovido, isto é, ser aceito em condições de igualdade. T tamanha insubordinação, tamanha ‘humanidade’, parece a Tertuliano uma degeneração no mais alto grau. “Como é frívolo, mundano, como é meramente humano, sem seriedade, sem autoridade, sem disciplina, como bem convém à fé deles!” De todas as subversões, a que mais o horroriza é a emancipação das mulheres. Misógino até mesmo para os padrões patriarcais da época, Tertuliano chamava o sexo feminino de “portal do diabo”. Marcion e Marcos, dois de seus concorrentes cristãos, haviam ordenado várias mulheres como padres e bispos, e o representante da seita dos cristãos gnósticos em Roma era uma mulher, Marcelina. Esta permissividade enfureceu Tertuliano. Mulheres, não contentes com a desordem que sua ancestral havia provocado no paraíso, continuavam a tumultuar a ordem terrena: “Essas mulheres hereges, como são atrevidas! Carecem de modéstia e têm a ousadia de ensinar, discutir, exorcizar, curar, e talvez, até, de batizar!” Elas fariam melhor se abandonassem joias e ornamentos e, “conforme a lei de São Paulo, se cobrissem com véus.” Mas, justiça seja feita, Tertuliano também não foi muito liberal com o sexo forte: o ato de barbear-se, para ele, era ímpio, pois é um desacato ao Criador tentar melhorar o rosto concedido por Sua vontade. O Talibã teve um douto predecessor.

Tertuliano foi um autor prolífico, além de veemente – trinta e uma de suas obras sobreviveram. Escreveu sobre tudo que valia a pena, a monogamia, a virgindade, a pudicícia, a paciência e o paraíso. Sobre a diversão pública, o fervoroso africano avisava, em seu libelo *De praescriptione hereticorum*, “Prescrições contra os heréticos”, do século II: “Tu que gostas de espetáculos, aguarda o maior de todos, o Juízo Final.” Sua missão é desqualificar seus concorrentes, mas isso não lhe tira o senso de humor. Quando os cristãos foram acusados do crime de não cultuar o imperador, ele respondeu que a acusação era esdrúxula: os cristãos não precisavam cultuar o imperador, pois já **rezavam** por ele. Após anos de vigorosa militância na frente ortodoxa, por volta de 207 ele rompeu com os católicos e tornou-se um dos

líderes do montanismo, um movimento apocalíptico da Ásia Menor. A adesão a uma heresia era o que menos se esperava do incansável caçador de heréticos. Mas a fronteira entre heresia e ortodoxia, como ele infelizmente pôde comprovar, é questão de quem fica para contar a história. No final da vida, o patrono do dogma voltou-se contra seu regimento. Tertuliano morreu combatendo os católicos, que havia defendido com garra a vida toda, acusando-os de ser a “Igreja de alguns poucos bispos”, estreita demais para ‘pessoas espirituais’, aqueles imaginativos como ele sempre o fora (FIORILLO, 2008, p.113).

## Simetria torta

Religiões são a melhor prova de que assimetrias estão na base, na vértebra, e na visível superfície do que se chama civilização. Desde que o mundo é mundo, não houve civilização sem religião – como não existiu sociedade sem poder, ou ao menos um ensaio deste. E se excetuarmos os cultos greco-romanos, aquela luminosa religião de deuses beberrões, farristas, ciumentos, encrenqueiros, mas também superlativamente generosos, num Olimpo simétrico ao nosso andar de baixo, espelhando o melhor de nosso vícios e virtudes-, este culto batizado depois de **paganismo**, a história das religiões é a da vitória irrefutável, embora nem sempre benemerente, das assimetrias. Vitória política, lógica, antropológica.

Antropológica: em qualquer das religiões ou seitas, indiferentemente (pois esta é uma distinção inventada pelas religiões do Livro), dos cultos de Vanuatu (na Melanésia), aos encorpados monoteísmos, ou da dança para chamar chuva aos *Diktats* do Vaticano, a religião só funciona porque há uma radical assimetria entre aquele que pede e O que concede. Bobagem dizer que umas são superstições primitivas e as outras uma sublime busca de transcendência. São, todas, um convincente sistema de troca entre desiguais. Na batida do tambor ou na prece, no chocalho ou na vela, no talismã ou na elaborada liturgia de uma missa, é o pensamento mágico que está em ação, e para operar um conveniente comércio de dessemelhantes. Entre uma potência suprema e inescrutável, numa ponta, e nós, suplicantes, na outra. Religião é a reposição contínua e continuada da heteronomia. Por isso que as religiões são o oposto do ideal clássico da filosofia, o da busca de *autárkeia*, a tal autonomia com que nos acenava Sócrates quando sugeria que ouvíssemos o *daimon* interior, sem dar bola para as divindades da vez. Sócrates foi condenado a beber cicuta pelo crime de impiedade, por exortar a juventude a seguir os conselhos ditados pela voz interior (a virtude), nem sempre condizentes com os ditames dos deuses, e administradores, da polis ateniense. O toc-toc na madeira para afugentar o azar é um gesto insofismavelmente religioso, tanto quanto a reza

em latim ou o mantra tântrico. Já que não batemos na madeira para tomar uma providência prática (do modo como batemos num prego para pregar um quadro), o ato é simbólico, a convocação de alguém, ou algo, para que resolva nossos problemas, vicariamente, ocupando nosso lugar. Contrição, adoração ou súplica são ritos contratuais, e um contrato mais hobbesiano que rousseauista (contrato celebrado não entre nós e para nós, mas contrato pelo qual cedemos tudo ao Leviatã). Nesta curiosa operação de troca de agrados, à primeira vista pareceria que levamos vantagem, pois em geral pedimos o impossível, ou no mínimo o improvável, em troca de coisinhas pequenas como uma novena ou uma promessa. A sobrecarga e a labuta ficam a cargo do Onipotente; os dividendos, com o pedinte. Ilusão: nesta troca assimétrica, entre seres abissalmente assimétricos, o resultado final é que nos tornamos refêns crônicos. O descompasso se aprofundou.

Lógica: Não bastasse esta assimetria de princípio entre o Todo Poderoso e o que só pode pedir, a contabilidade espiritual das religiões tem também um venerável fundamento lógico. As mais famosas provas da existência de Deus, a ontológica e a cosmológica, ou do design inteligente, põem por terra qualquer veleidade de reduzirmos esta distância, esta polar assimetria. A prova do design, ou criacionismo, hoje em voga entre os neoconservadores inimigos de Darwin, postula que só mesmo um Ser perfeito para construir um universo tão bem equacionado, milimetricamente funcional, e ainda por cima explodindo de beleza no colorido das penas dos pássaros e na arquitetura das flores. Basta olhar pela janela! diria o criacionista Leibniz. Desde que o teto não tenha goteiras, e a longa contemplação não resulte num resfriado, poderíamos supor que retrucaria o céptico Hume (2006). Já a tradicional prova ontológica da existência de Deus, inventada por Santo Anselmo, era mais simples e direta. Se Deus é perfeito, onisciente, onipresente e onipotente, se ele condensa tudo que houve, há e está por vir, então, já que possui todos os atributos, é claro que não lhe pode faltar o elementar atributo da existência. Pascal foi menos rocambolesco e mais pragmático (ou piedosamente cínico), e sua explicação desvela outra forma de assimetria, entre Aquele que não tem nada a perder e nós, que arriscamos tudo se não fizermos a aposta certa. Chama-se, aliás, a **Aposta de Pascal**, e enuncia quatro possibilidades e suas combinatórias. Ou Deus existe ou não; ou cremos nele, ou não. Se ele não existe e não cremos, sem problemas. Se não existe e cremos, perda de tempo, mas sem maiores consequências. Se existe e acreditamos, sorte nossa, mas se existe e não cremos, o fogo do inferno. Na dúvida, pois, melhor acreditar.

Houve quem, como Epicuro, fez a pergunta óbvia: se Ele é bom e potente, de onde vem o mal? Pois o mal – guerra, sofrimento, doenças, injustiça, uma infinidade de vicissitudes – é inegável. A hipótese de Epicuro (ele é filósofo, não teólogo), é

que ou Deus é mesmo bondoso mas impotente, ou pode tudo, mas não é assim tão bem-intencionado.

Sigmund Freud (1981), o pai da psicanálise que ganhou o premio Goethe de Literatura, tratou da assimetria inerente às religiões em ao menos três ensaios: *Totem e Tabu*, em que escrutina o judaísmo (suas raízes), o *Futuro de uma Ilusão*, no qual passa em revista o cristianismo, e o *Mal-Estar da Civilização*, texto que poderia ter sido concebido no século XXI, tal sua atualidade.<sup>9</sup> A conclusão é a mesma: a religião **foi** indispensável para a construção do edifício civilizatório, seja com seus ritos (para aplacar nossas compulsões e angústias) ou proibições (para manter nossas sociedades coesas, para evitar que nos canibalizássemos), mas **deveria**, se o mundo seguisse um curso melhor, ser substituída pela educação. Para ele, a religião nasce de uma assimetria psíquica arcaica, entre pai e filho, entre o detentor da lei e aquele que deve ser domesticado e domado, entre o superego judicioso e um inconsciente caótico e selvagem. Freud não tinha ilusões sobre a maioria dos homens: a comunidade humana é assimétrica, sim, e uma maioria precisou ser refreada por mandamentos altamente coercitivos, (leia-se, religiões) senão a civilização naufragaria num minuto. Mas Freud tinha também suas esperanças, a de que chegasse um tempo em que os homens, todos devidamente educados (isto é, saudavelmente autorreprimidos), pudessem dispensar a superstição (a dependência da tal assimetria externa, que, pelo medo, coíbe a selvageria), e passassem a pautar sua ação pela regra moral, pela simples satisfação em fazer o bem, e não pelo medo da punição.

A Psicanálise não incensa Deus, mas admite que religiões fizeram mais que narcotizar, foram mais que o **ópio do povo**. Os monoteísmos, com sua definitiva polarização entre o Protagonista do cosmos e nós, meros coadjuvantes, teria sido um avanço sobre os mais inquietos e anárquicos politeísmo e panteísmo, nos quais a assimetria se dilui e praticamente desaparece na identificação entre natureza e Criador, Criador e criatura, gerando uma perigosa simetria entre pedra e flor, homem e bicho, uma arriscada insinuação de que de tudo emana um mesmo élan divino, uma divindade distribuída com equidade, portanto bastante perdulária. A grande aquisição levada a cabo pelos monoteísmos contra as mais doces religiões que os precederam, pois, foi a destruição da religiosidade menos assimétrica, mais imanente, de cunho individualista, seja a espiritualidade do animista, a do crente livre-atirador, ou a do místico ensimesmado.

Mas a assimetria final, a política, é a que se consumou com o expurgo dos poetas de Deus pelos burocratas da fé. É a histórica perseguição, em todos

---

<sup>9</sup> Referente as obras *Totem e Tabu* (Título original: *Totem y Tabu*), *Futuro de uma Ilusão* (Título original: *El Porvenir de una ilusion*), *O mal-estar na Civilização* (Título original: *El Malestar em La Cultura*), consulte na lista de referências: Freud (1981).

os credos, contra os místicos dissidentes. Foi com a vitória política das Igrejas institucionalizadas que se consolidou a mais mundana das assimetrias religiosas, a dos cargos, das funções, dos papéis e privilégios, e, sobretudo, das benesses (materiais). Foi só com a consolidação da religião como instituição que se abriu espaço para a Inquisição, o *Index Librorum Prohibitorum*, a Jihad, o extremismo tele-evangelista, enfim, para que os fundamentalismos de todos os matizes pudessem prosperar. Então, a assimetria inata desabrochou e atingiu sua culminância, tornando-se, paradoxalmente, seu contrário. Virou uma simetria torta: a luta de todos contra todos, a guerra santa em nome do Um que, olhando de perto, é o mesmo.

### **WHO SAYS SO, WHO SAYS NO: RELIGIOSITY AND HERESY**

**ABSTRACT:** *Imagination and enthroned religion are antithetical. Dogma, as the core of monotheist religions, is not more than a methodical and diligent denial to the curiosity, autonomy and inventiveness. It is a asymmetrical relation between the one who ignores, fears and begs, and the Other who knows all and disregards everything which lies in the power of the churches.*

**KEYWORDS:** *Imagination. Dogma. Asymmetry. Fear. Church.*

### Referências

ARENDT, H. **Men in dark times**. New York: Mariner Books, 1970.

BOYER, P. **Religion explained: the evolutionary origins of religious thought**. New York: Perseus Group Books, 2001.

FIORILLO, M. **O Deus exilado-breve história de uma heresia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREUD, S. **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

HUME, D. **Dialogues concerning natural religion**. London: Dover Philosophical Classics, 2006.

LANGER, S. **Philosophy in a new key: a study in the symbolism of reason, rite, and art**. Harvard: Harvard University Press, 1957

MILLER, A. **The crucible**. Rev. Ed. New York: Penguin Books, 1996.

OTTO, R. **O sagrado**. Lisboa: 70, 1992.

PAGELS, E. **The gnostic gospels**. New York: Vintage Books, 1989.

RUSSELL, B. **Porque não sou Cristão**: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Exposição do Livro, 1965.

STARK, R. **A theory of religion**. New York: Rutgers University Press, 1996.

Recebido em 20/08/2012

Aprovado em 12/12/2012